

# O Brasil é longe daqui? Poder e exceção em **Grande sertão: veredas**\*

Ettore Finazzi-Agrò\*\*

## Resumo

O surgimento dos *catrumanos*, em **Grande sertão: veredas**, desencadeia uma série de reflexões pessimistas e de pressentimentos apocalípticos por parte de Riobaldo. A partir da análise deste episódio e dos outros em que está envolvida aquela gente de “estranhoso aspecto”, é questionada a possibilidade de aplicar a figura jurídica do “estado de exceção” não só aos *catrumanos* mas também ao personagem de Zé Bebelo, que parece ter com eles uma relação peculiar, baseada, justamente, numa exclusão radical e fundadora.

Palavras-chave: João Guimarães Rosa; **Grande sertão: veredas**; *Catrumanos*; Zé Bebelo; Estado de exceção.

Quem penetrou tão fundo o âmago mais obscuro da nossa gens primitiva e rude, não pode reaparecer à tona, sem vir coberto da vasa dos abismos... (CUNHA, Prefácio a **Inferno Verde**)

A tradição dos oprimidos nos ensina que “o estado de exceção” em que vivemos é a regra. Devemos chegar a um conceito de história que corresponda a este fato. (BENJAMIN, **Teses de filosofia da história**)

Como todos sabem, desenredar a prosa de **Grande sertão: veredas** é trabalho “muito, muito ruim”, é tarefa difícil, às vezes, como empurrar um “burro no arenoso”. Seria talvez melhor ou mais simples acompanhar o discurso como se fosse um percurso estranho e encantado, andar por ele como quem desfia um terço, passando entre os dedos as contas e repetindo, num murmúrio monótono e cativante, frases imbuídas de um significado secreto, coisas e casos colocados num rosário de enigmas. A leitura se tornaria assim (como, no fundo, sempre foi) um rito que só de vez em quando abriria para um sentido oculto e

\* Ensaio apresentado no VII Congresso da Brasa, no Rio de Janeiro, em junho de 2003.

\*\* Universidade de Roma “La Sapienza”.

abismal ou transparente e sublime. Mas esse modo de ler, mergulhados num prazer que só o texto proporciona e furta, deixaria, porém, margens obscuras em volta, deixaria pelos lados toda uma dimensão de significado que nos invoca e provoca – tornados o “senhor assisado e instruído” que tenta compreender, para além das palavras contadas, aquilo que verdadeiramente se esconde no fundo da fala, olhando “mais longe do que o fim; mais perto”. Porque sim, porque apesar de tudo tem a História atrás e no fundo de qualquer estória, tem uma verdade que nos aguarda nas esquinas ou nas encruzilhadas desse labirinto de palavras rezadas, montado pelo velho jagunço deitado na rede e em que ele mesmo, por sua vez, vagueia, “enredado” pelas lembranças, aparentemente perdido e sem rumo.

Aliás, no desfiar dos eventos, mesmo sem querer, quase entorpecidos pelo ritmo embalante da fala, ficamos às vezes atentos, com a mente aguçada e os sentidos despertos. O sinal de atenção, o alarme para a importância do evento contado é dado, no caso que eu quero tratar aqui, pelo mesmo autor:

Rir, o que se ria. De mesmo com as penúrias e descômodos, a gente carecia de achar os ases naquele povo de sujeitos, que viviam só por paciência de remedar coisas que nem conheciam. As criaturas.

Mas eu não ri. Ah, daí, não ri honesto nunca mais, em minha vida.<sup>1</sup>

Eis, então, uma conta que roça os polegares, um alerta para os leitores rezando em voz baixa o discurso de Riobaldo: o que é que pode impedir, de modo definitivo, o riso (o “riso honesto”, certo, mas o riso desonesto é apenas o deboche; é um esgar, uma *grimace* como diriam os franceses, remetendo para uma situação de desassossego, de gozo inquieto ou perverso)? O que pode, enfim, tirar para sempre o sorriso e a alegria? Essa tristeza súbita e completa, essa mortalha de luto e desespero apartando Tatarana dos seus companheiros é algo que nos desperta e nos encaminha para uma releitura atenta do contexto, ajudando-nos talvez a descobrir o fundo verdadeiro, histórico escondido nas dobras da estória, nos recantos ou, justamente, nas margens da ficção.

De fato, aquilo que acaba de acontecer é o aparecimento dos *catrumanos*: gente inesperada, vinda não se sabe de que lugar e de que tempo, que se depara na frente e à vista do bando de jagunços chefiados por Zé Bebelo. Estamos – como nos mostrou Willi Bolle (1994/95, p. 88-90) – transviados no labirinto dos sertões, onde a viagem perdeu momentaneamente o seu alvo, e a reação de Riobaldo poderia ser apenas o fruto desse transtorno, dessa falta de perspectivas que o bando inteiro está vivendo. Mas ele sublinha, todavia, que a sua atitude e o seu modo de reagir àquele encontro é só dele:

<sup>1</sup> ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 15. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982. p. 293. Todas as citações de ROSA serão dessa edição.

Bobéia minha? Porque os companheiros, indo cuidando do seu ramerrão comum, nenhum não punha tento em dessas idéias. Então era só eu? Era. Eu, que estava mal-invocado por aqueles *catrumanos* do sertão. Do fundo do sertão. O sertão: o senhor sabe. (p. 295)

Então, a postura diante da visão daquele punhado de miseráveis é absolutamente pessoal, apartando Riobaldo dos outros, sobretudo pelo fato de ele o considerar logo um sinal de azar: “A hora tinha de ser o começo de muita aflição, eu pressentia” (p. 293-294). E a pergunta, a este ponto, é sobre os motivos de tanta perturbação, visto que, afinal, Riobaldo já tem passado por muita violência e muitos apertos, já tem assistido a cenas de pobreza e de desamparo, e aquele povo faminto e maltrapilho não aparenta, no fundo, constituir uma exceção tão gritante dentro da geral miséria sertaneja.

A resposta pode ser dada a vários níveis (político, social, histórico ou ético), mas eu acho que aqui estamos perto do núcleo trágico da obra, no centro do drama existencial montado por João Guimarães Rosa, ou seja que o surgimento daqueles “homens de estranho aspecto” (a que se poderia associar a passagem sucessiva pelo povoado de Sucruíú, que já entra, porém, no período de “muita aflição” pronunciado por eles) é efetivamente uma espécie de limiar simbólico que dá acesso a uma dimensão abismal ou infernal, marcada pelo pacto, pelo combate no Paredão e pela morte de Diadorim. Sabe-se, aliás, que Rosa gostava de disseminar a sua escrita de indícios ou de “pré-avisos” (SPERBER, 1982, p. 119-122): um modo de vaguear entre os tempos da narrativa, avançando e regredindo numa rede de fatos dispostos de forma con-torta ou redobrada, nas idas e voltas do discurso. Mas a vista dos *catrumanos*, o seu puro existir, se nos apresenta como algo mais de que um simples aviso: eles são a fronteira, extrema ou anterior a tudo, que dá e nega o acesso a uma dimensão medonha e terrível; eles são, na sua “estúrdia” evidência, ao mesmo tempo as vítimas e os carrascos de um delito horrendo, que é histórico, é social, é político, é, enfim, humano – “demasiado humano”, talvez.

De fato, Riobaldo junta-os, enquanto vítimas, numa compaixão infinita (“tanteei pena deles, grande pena” [p. 291]), para depois cultivar uma sensação montante de medo, se alastrando até chegar a uma visão apocalíptica:

E de repente aqueles homens podiam ser montão, montoeira, aos milhares mís e centos milhentos, vinham se desentocando e formando, do brenhal, enchiam os caminhos todos, tomavam conta das cidades. [...] E pegavam as mulheres, e puxavam para as ruas, com pouco nem se tinha mais ruas, nem roupinhas de meninos, nem casas. Era preciso de mandar tocar depressa os sinos das igrejas, urgência implorando de Deus o socorro. (p. 295)

O pequeno grupo de *catrumanos* se torna multidão, na fantasia assustada de Tatarana, agentes, então, de um “tumulto” (AGAMBEN, 2003, p. 56 e *passim*) que não pode ser contido, de uma subversão infinita e sem confins, se espalhando do fundo do sertão até as cidades, levando consigo e sendo levados por uma violência sem nome e sem norma que tudo destrói. Os poucos se tornam uma turba e a turba provoca um turbilhão (para usar uma sugestiva imagem de Michel Serres [1982, p. 112-113]), jogando o sujeito e o mundo numa situação de total anomia: é o Mal se expandindo em todas as direções – não mais o “redemunho” no meio da rua, repare-se, mas a perversão completa, arrastando tudo consigo e criando uma situação em que “nem se tinha (não se tem, não se terá...) mais ruas”.

Agentes dessa hipotética eversão, os *catrumanos* estão fora dela, estão fora de qualquer consciência de si e do mundo, estão fora de qualquer linguagem, estão fora de toda consideração ética ou política – eles são, enfim, esse *fora* que é porém o *dentro* mais interno e profundo do homem, representando, de fato, a natureza brutal e ferina, escondida “nos ocos” do sertão, num espaço atópico e intersticial, num tempo anterior a todos os tempos.

O jeito de estremecer, deles, às vezes, era todo, era de banda; mas aquilo sendo da natureza constante do corpo, e não temor – pois, quando pegavam receio, iam ficando era mais escuros, e respiravam com roncado rumor, quietos ali. Que aqueles homens, eu pensei: que nem mansas feras; isto é, que no comum tinham medo pessoal de tudo neste mundo. (p. 292)

A obra rosiana, como se sabe, lida freqüentemente com essas situações extremas, com personagens ocupando um lugar mediano e “impossível” entre o humano e o desumano, mas aqui nos é dito – e não apenas representado, exposto na sua assombrosa evidência (como acontece, por exemplo, em “Meu tio o Iauaretê”) –, aqui é tornado manifesto e posto em palavras todo o horror e o medo que eles suscitam: terror de um fundamento recalcado, de uma diferença que se percebe de modo confuso como o mais próprio do homem, como um lugar arquetípico e infernal pelo qual todos nós somos, a um tempo, convocados e repelidos.

O que mais digo: convém nunca a gente entrar no meio de pessoas muito diferentes da gente. Mesmo que maldade própria não tenham, eles estão com vida cerrada no costume de si, o senhor é de externos, no sutil o senhor sofre perigos. Tem muitos recantos de muita pele de gente. (p. 294)

Não por acaso, em relação aos *catrumanos*, foi evocada a imagem dos seringueiros da Amazônia desenhada por Euclides da Cunha (“um híbrido de *demônio* e *truão*, habitantes de um mundo perdido no passado” [STARLING, 1999, p. 157, nota]). Também no romance de Rosa, de fato, aquilo que ele nos descreve é uma categoria de pessoas habitando uma dimensão fronteira e ambígua, um

território “à margem da história” (“nos tempos antigos, devia de ter sido assim” [Rosa, p. 290]), vivendo num estado de miséria absoluta, carentes de tudo e possuindo, dentro ou atrás da sua aparência “truanesca” e ridícula (“rir, o que se ria”), apenas aquela força telúrica e abismal, aquele poder “mágico” ou demoníaco (*kbthónios*, como diziam os gregos) que vem da sua natureza ancestral e tosca, do seu ser um limiar, uma margem anômica e inacessível a partir da qual, todavia, se constitui uma história e se institui uma comunidade – um espaço social “moderno”, enfim, dominado por uma Lei compartilhada e, ao mesmo tempo, indiscutível.

Porque, certamente, a pessoa que não tem nada apavora (“de homem que não possui nenhum poder nenhum, o senhor tenha medo!” [p. 294]), mas é só nessa total despossessão, todavia, é só nessa exclusão completa que se tornam manifestos, por paradoxo, os mecanismos que regem as relações de Poder, os modos em que a Política se apodera da existência individual no mundo moderno. E nessa perspectiva, é interessante notar a relação privilegiada e, aparentemente, inexplicável que se institui entre os *catrumanos* e Zé Bebelo: uma relação exclusiva e excludente, ao ponto que quando ele é destituído da chefia dos jagunços, alguns daquela “raça (...) diverseada distante” (p. 294) pedem licença ao novo chefe, Urutu-Branco, para sair do bando e ele consente, raciocinando:

Ao que aqueles homens não eram meus de lei, eram de Zé Bebelo. E Zé Bebelo era assim instruído e inteligente, em salão de fazenda? Desisti, dado. Não baboseio. [...] Estúrdio é o que digo, nesta verdade – que, eu livre longe deles, desaluídos que eles estavam comigo; mas, eu quisesse com gana e préstimo deles, então só me serviam era na falsidade... O senhor me entende? E digo que eles eram homens tão diversos de mim, tão suportados nas coisas deles, que... por contar o que achei: que devia de ter pedido a eles a lembrança de muito rezarem por meu destino... (p. 378)

Aqueles que se afastam não são, na verdade, os *catrumanos* do Pubo, mas os “dos Gerais, cabras do Alto-Urucúia. Os primeiros que com Zé Bebelo tinham vindo surgidos” (p. 375); a natureza deles é todavia a mesma: também eles representam o mundo arcaico escondido nos “ocos” do sertão, também eles habitam um tempo distante, ainda imbuído de um sentido mágico e religioso – tanto assim que eles parecem perceber a mudança de Riobaldo depois do pacto, querendo voltar no Alto-Urucúia, e Riobaldo, por sua vez, suspeita que a defecção deles seja um sinal de “agouro”, sentindo vontade de pedir a eles que rezem por seu “destino”.

Mas eu acho que os elementos significativos sejam aqui, por um lado, a cumplicidade, a relação de submissão “legal” entre eles e Zé Bebelo (“não eram meus de lei, eram de Zé Bebelo”) e, por outro lado, a diferença que os separa de Riobaldo (“eles eram homens tão diversos de mim”). Interrogar a razão dessa condição dupla significa, a meu ver, penetrar na estória até chegar a descobrir aquela histó-

ria que ela, negando, reafirma. De fato, desde o início, é Zé Bebelo que trava contato com os *catrumanos*, é ele que os congrega com os outros jagunços – e isso pode parecer estranho, visto que este personagem é sempre apresentado como o portador de uma instância de modernidade e de legalidade, como o agente da ordem e do progresso no mundo arcaico dos sertões. O que tem, ele, a ver com os emblemas mais patentes do atraso, da miséria, da ignorância, da maldade e ilegalidade reinando no mundo sertanejo? Acho que a resposta seja bastante fácil pensando como também ele, apesar de tudo, seja uma espécie de figura liminar, ao mesmo tempo fora e dentro daquela realidade que ele atravessa, até como regente ou defensor dela. Como tem sublinhado Heloisa Starling (1999, p. 151), para Zé Bebelo vale para sempre a sentença de Joca Ramiro: “O senhor não é do sertão. Não é da terra...” (p. 199). Dono da palavra requintada e astuciosa, defensor da lei do Estado e da sua Razão, ele, porém, está fora da sua pátria, fora da lógica antiga do sertão, fora do mito – ele é, enfim, um *outsider*, visto que a sua terra e o seu *nómos* são alhures, não conseguindo, por isso, alcançar nenhum dos seus objetivos:

De fato, em meio à sua perambulação sem fim, Zé Bebelo foi semeando ruínas, por onde passava, multiplicando sempre o mesmo gesto escorregadio, profundamente empenhado no esforço de construção do moderno apenas para se desmaterializar em seguida, e como que desvanecer na paisagem (STARLING, 1999, p. 156).

Nessa perspectiva, acho que a relação privilegiada entre os *catrumanos* e este “semeador de ruínas” possa ser compreendida apenas naquele *fora* que os liga, naquela “plena e adversa exterioridade” (STARLING, 1999, p. 151) em que se encontram – naquele “estado de exceção”, finalmente, em que eles permanecem suspensos.

De fato, já na bem conhecida resposta que Zé Bebelo dá à pergunta de um deles sobre a sua procedência, podemos ler esta dupla exclusão:

— “O que mal não pergunto: donde será que o senhor está servido de estando vindo, chefe cidadão, com tantos agregados e pertences?”

— “Ei, do Brasil, amigo!” – Zé Bebelo cantou resposta, alta graça. – “Vim departir alçada e foro: outra lei – em cada esconso, nas toesas deste sertão...”. (p. 293)

Se fica claro que os *catrumanos* não compartilham o mesmo espaço “legal” dos jagunços, também o chefe provisório destes parece, com sua resposta, se colocar fora da lei sertaneja. Ou seja, ambos os interlocutores ficam numa situação de anomia em relação ao território que eles, apesar de tudo, ocupam: um vindo duma distância e duma cronologia incomparáveis em relação ao tempo e ao espaço jagunços, chegando duma dimensão ligada à *pólis* e imediatamente política; os seus interlocutores habitando um tempo fora da história e um espaço sem geo-

grafia – aqueles “ocos do sertão”, aquela região que “se esconde em si mesma” (para utilizar ainda uma imagem que Euclides tira de Milton, aplicando-a à Amazônia [CUNHA, p. 201]). E de resto, já a resposta que Zé Bebelo tinha dado à acusação de Joca Ramiro de não pertencer à terra, parece bastante significativa: “Sou do fogo? Sou do ar? Da terra é a minhoca – que a galinha come e cata: esgaravata!” (p. 199). Também ele, então, vive apenas no “rebuliço” (ele veio, de fato, para “rebolir com o sertão”), habita no tumulto ou no turbilhão que semeia ruínas, guardando sempre a sua identidade excepcional e, ao mesmo tempo, excetuada.

Sabe-se, aliás, que o estado de exceção é uma figura jurídica pela qual o Poder se vale do Direito para o suspender e se tornar assim “soberano”. Como escreveu Giorgio Agamben (1995):

Se a exceção é a estrutura da soberania, a soberania não é, então, nem uma categoria exclusivamente jurídica, nem uma potência externa ao direito (Schmitt), nem a norma suprema do regimento jurídico (Kelsen): ela é a estrutura originária em que o direito se refere à vida e a inclui em si mesmo através da sua própria suspensão. (p. 34)

E o mesmo autor acrescenta que a forma mais clara em que esta potência se exprime é o *banimento*: “Aquele que é banido não é simplesmente colocado fora da lei e indiferente a ela, mas é *abandonado* por ela, isto é, é exposto e arriscado no limiar em que vida e direito, externo e interno se confundem” (p. 34). Sem querer me adiantar muito numa análise desta figura ambígua e trágica do ordenamento político, posso porém chamar a atenção para o fato de que Zé Bebelo representa, no romance rosiano, um Poder externo e estranho (“Ei, do Brasil, amigo!”) que usa a guerra e a violência – suspendendo, por isso, a sua “legitimidade” – para afirmar a sua soberania sobre um “mundo à revelia”. Uma soberania, aliás, se aliando com o seu oposto aparente, com aqueles que, no dizer de Riobaldo, não possuem “nenhum poder nenhum”, vivendo numa condição de abandono completo, à margem da Lei e longe de qualquer instância política.

Não por acaso, no romance se delineia um duplo movimento levando Zé Bebelo, “chefe cidadão”, a “rebolir com o sertão como dono”, e os *catrumanos*, na imaginação de Riobaldo, a “tomar conta das cidades”: o encontro entre eles se dá, mais uma vez, naquele lugar banido e abandonado, dominado por uma lei bandida, que é o sertão – o Grande Sertão se confirmando, por isso, como espaço fronteiro de uma luta e, ao mesmo tempo, de um compromisso absurdo entre o Direito e o seu oposto, entre o Poder soberano e a vida nua (para usar ainda uma expressão de Agamben). E as marcas desse pacto são, uma vez ainda, as da exploração maldosa do Mal, do aproveitamento “político” daquela gente fora da história e da sociedade para fins que nada têm a ver com eles: instrumentos cegos e mudos de uma guerra que não lhe diz respeito, tendo como objetivo a hegemonia na-



quele Brasil que não lhe é Pátria, naquele País que é longe e que os “excetua”, isto é, os “segura fora” (visto que o verbo *excipio* vem de *ex capio* – literalmente “tomo fora” – e guarda o duplo sentido de “recolher” e “excluir”), que os mantêm, justamente, no seu banimento, na sua falta de tudo e no seu faltar a tudo.

Nesse sentido, a cena em que Tatarana tenta juntar os *catrumanos* ao bando dos “seus” jagunços é altamente significativa:

Aquela gente depunha que tão aturada de todas as pobreza e desgraças. Haviam de vir, junto, à mansa força. Isso era perversidade? Mais longe de mim – que eu pretendia era retirar aqueles, todos, destorcidos de suas misérias. [...] Ah, os *catrumanos* iam de ser, de refrescos. Iam, que nem onças comedeiras! Não entendiam nada, assim atarantados, com temor ouviam minha decisão. (p. 336)

Riobaldo, o pactário, quer usar para os seus fins a brutalidade daquela gente e se dá obscuramente conta da “perversidade” desse gesto. Mesmo assim, ele fica firme no seu propósito, escolhendo, porém, uma perspectiva diversa daquela de Zé Bebelo para associar os *catrumanos* ao seu intento hegemônico: não quer impor “outra lei”, mas se valer deles – eles que estão fora de qualquer Direito, banidos e abandonados pelo Poder – na sua pessoal guerra ao mundo, no seu projeto “ilegal” de auto-afirmação, no seu desejo de glória:

Adivinhei a valia de maldade dêles: soube que eles me respeitavam, entendiam em mim uma visão gloriã. Não queriam ter cobiças? Homens sujos de suas peles e trabalhos. Eles não arcavam, feito criminosos? “— O mundo, meus filhos, é longe daqui!” – eu defini. — Se queriam também vir? – perguntei. Ao varar: o que era um dizer desseguido, conjunto, em que mal se entendia nada. Ah, esses melhor se sabiam se mudos sendo. (p. 336)

Gente que não é gente (senão, repare-se, dentro e através da violência que os identifica na sua anomia e no seu anonimato); “raça diverseada distante” que não tem palavra, ou melhor, que só na sua mudez se torna compreensível; emblemas radicais, enfim, de uma corporeidade medonha e turbulenta, os *catrumanos* são a mão-de-obra barata e irrisória que o Poder inclui no seu discurso, no mesmo gesto com que os exclui. Povo miserável e essencial, marginalizado e fundamental, carente e faminto que se dispõe no limiar incerto entre Região e Nação, entre Sertão e Cidade, entre o Brasil e o Mundo ficando longe dos dois e preso dentro deles, na sua exceção e na sua intolerável evidência, que os torna alvo e agentes de uma força profundamente injusta, de uma soberania absoluta e sem piedade: “Aí foi que eu pensei o inferno deste mundo: que nele não se pode ver a força carregando nas costas a justiça, e o alto poder existindo só para os braços da maior bondade” (p. 295).



## Abstract

**C***atrumanos*' appearance, in **Grande sertão: veredas**, gives rise to a chain of pessimistic reflexions and apocalyptic premonitions in Riobaldo. Starting from this episode – and quoting some others involving these characters of “estranhoso aspecto” –, the essay approaches the enforceability of a juridical form such as the “state of exception” not only referring to *catrumanos*, but also to Zé Bebelo who seems to have a special relation with them, exactly based on a radical and fundamental principle of exclusion.

Key words: João Guimarães Rosa; **Grande sertão: veredas**; *Catrumanos*; Zé Bebelo; State of exception.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer**. Il potere sovrano e la nuda vita. Torino: Einaudi, 1995.

AGAMBEN, Giorgio. **Stato di eccezione**. Torino: Bollati Boringhieri, 2002.

BOLLE, Willi. “Grande Sertão: Cidades”: In: **Revista da USP**, n. 24, p. 80-93, dez./fev. 1994/1995.

CUNHA, Euclides da. **Um paraíso perdido**. Ensaios, estudos e pronunciamentos sobre a Amazônia. Org. por L. Tocantins. Rio de Janeiro: J. Olympio – Fundação de Desenvolvimento de Recursos Humanos, da Cultura e do Desporto do Governo do Estado do Acre, 1986.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 15. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1982.

SERRES, Michel. **Genèse**. Paris: Grasset, 1982.

SPERBER, Suzi Frankl. **Guimarães Rosa: signo e sentimento**. São Paulo: Ática, 1982.

STARLING, Heloisa. **Lembranças do Brasil**. Teoria, política, história e ficção em **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Revan/Ucam/Iuperj, 1999.